

MEMÓRIAS DA ATUAÇÃO DE UMA ALFABETIZADORA DO COLÉGIO SÃO JOSÉ EM PELOTAS/RS NAS DÉCADAS DE 1940 A 1980

LOUZADA, Maria Cristina dos S.¹; AMARAL, Giana Lange do²

¹ Mestranda do PPGE/FaE/UFPel - mclsouzada@gmail.com; ² Orientadora do PPGE/FaE/UFPel - gianalangedoamaral@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, comprometido com as ciências humanas, trata-se de uma pesquisa histórica de características biográficas, onde se pretende descrever a atuação da alfabetizadora Irmã Luísa Maria durante o tempo em que atuou no Colégio São José em Pelotas/RS. Buscou-se resgatar suas memórias através de entrevistas e documentos que descrevem o seu método e a forma como desenvolvia suas aulas, desde o período preparatório da alfabetização até a aquisição da leitura e da escrita.

Por isso foi grande a tarefa a cumprir na busca realizada, levando em consideração os fatos históricos, o contexto social e cultural em que se desenvolveram as relações entre a professora, colegas, alunos e pais, relacionando-os ao seu fazer docente durante as décadas de 1940 até 1980.

Segundo o pensamento de Certeau (2000, p.67), “a ‘relatividade histórica’ compõe, assim, um quadro onde, sobre o fundo de uma totalidade da história, se destaca uma multiplicidade de filosofias individuais, as dos pensadores que se vestem de historiadores.”

Para os historiadores da educação as pesquisas biográficas são muito importantes, pois elas tendem a revelar os contextos escolares, a visão dos professores sobre a sua atuação, a ação dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, as relações de interação no interior dos estabelecimentos de ensino e contribuem para os processos de formação de professores.

Segundo Maria Helena Camara Bastos, (2002, p.167),:

As vivências de um professor, ao longo de sua trajetória profissional, estão contextualizadas historicamente na perspectiva de construção do tempo presente. O prazer em revelar as inúmeras vivências, de contextualizá-las na busca da reflexão e da crítica, de valorizá-las diante da elaboração do tempo presente, intenta construir o vivido na perspectiva de esclarecer, em parte, o enfrentamento dos desafios epistemológicos do trabalho docente, em que as motivações de vida estão intimamente ligada. O pessoal e o profissional fazem parte de uma totalidade: o eu.

Além disso, sabe-se que o trabalho biográfico de história de vida tem a intenção de mostrar o homem como um sujeito ativo, formador e transformador da sua história, capaz de influenciar o meio onde atua através de suas experiências, do seu agir e da interação com os seus pares. O professor não constrói apenas a sua identidade, mas, no seu fazer pedagógico, está colaborando para a formação da identidade dos seus alunos e dos colegas com quem convive e troca idéias.

Nessa linha, percebi que o estudo em questão refaz uma trajetória, articula indagações, vivencia práticas criadas, histórias inventadas, traz à lembrança situações e problemas enfrentados na época, que ainda hoje, se fazem presentes nas classes de alfabetização.

Percebi, no decorrer das entrevistas, que houve momentos de incerteza

durante a prática pedagógica da professora e outros instantes em que houve necessidade de impôr a sua vontade. Segundo relato da Irmã Luísa na primeira entrevista realizada, “[...] via aquelas crianças tristes, umas decoravam tudo [...]”, percebia as crianças desmotivadas para a alfabetização em sala de aula com os métodos que estavam sendo utilizados e sentiu uma imensa necessidade de modificação do sistema.

Nóvoa, ao relatar sobre a profissão de professor afirma:

Esta profissão – professor – precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de a compreender em toda a sua complexidade humana e científica. É que ser professor obriga a opções constantes, que cruzam nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser (1992, p.9).

Ao utilizar-me da História Oral neste estudo, foi necessário buscar leituras e autores que falassem sobre esse fazer historiográfico, sobre essa “[...] preocupação com o simbólico e suas interpretações” (BURKE, 2005, p.10). Assim, a cada nova revelação nas leituras que realizei, maior foi o encantamento pela fonte de pesquisa em questão.

2. METODOLOGIA

Na presente pesquisa, a principal fonte utilizada foram as narrativas de vida e de atuação da Irmã Luísa Maria. Realizei três entrevistas com a educadora nas quais ela resgatou, através da memória, lembranças da sua infância, do seu tempo de convento e dos 42 anos de alfabetização no Colégio São José.

Essas entrevistas tratam-se de narrativas onde a entrevistada, com muita disposição e alegria, conta momentos que marcaram sua história de vida e de profissão. Consistem, portanto, em depoimentos “recheados” de emoção e de uma versão bem pessoalizada das experiências por ela vivenciadas, bem como de decisões fundamentadas na fé.

A História Oral, por fazer parte da História Cultural, mostra-se repleta de certezas provisórias e cativantes. Na visão de Pesavento, (2008, p.119) este é o maior encanto da História cultural, “fazendo do fazer História uma aventura, sempre renovada, do conhecimento”. Essa característica é que instiga o pesquisador em sua constante busca.

Alberti (2005), ao dissertar sobre a História Oral como uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes consideradas contemporâneas, nos remete à atualidade das pesquisas históricas e à importância dos relatos de participantes e de testemunhas de fatos que marcam uma época. Ao trabalhar com relatos orais, não pude deixar de levar em conta que as memórias individuais, reconhecidas como os significados atribuídos pelos sujeitos históricos ao que aconteceu no passado, são um conjunto de vivências coletivas que vão se formando e se entrelaçando com o passar do tempo.

A produção do conhecimento da História na presente pesquisa passou também pela busca de documentos. A exploração documental é considerada de extrema valia nas pesquisas históricas, eis que, através dela poderão ser encontrados subsídios que permitam interpretar e compreender os fatos, oferecendo uma nova leitura à visão trazida pelas memórias relatadas.

Os documentos podem ser utilizados várias vezes servindo de base para diferentes estudos e registram informações preciosas para um trabalho científico e

acadêmico. A análise documental na pesquisa histórica busca a identificação e a veracidade de informações factuais a partir de questões ou hipóteses que possam interessar ao escritor.

Na visão de Ludke e André (1986, p.39):

Os documentos constituem uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte 'natural' de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.

Na busca de documentos que revelassem como era o trabalho de alfabetização da Irmã Luísa Maria no Colégio São José e consultando fontes documentais guardadas pela própria alfabetizadora, encontrei algo muito valioso: a cartilha do “Castelo do Saber”. O “Castelo do Saber” foi o método criado pela educadora para realizar um modelo de alfabetização que, com as limitações técnicas da época, prendesse a atenção dos alunos e os estimulasse na aprendizagem da leitura e da escrita. A Irmã narra com satisfação como foi inventado o seu método:

A criança está no momento da fantasia, ela gosta da fantasia, então eu pensei, eu vou fazer um castelo eu vou apresentar as letras para elas como se fossem personagens, cada uma com o seu nome, cada uma com a sua função e a sua maneira de falar [...]

Além da cartilha do “Castelo do Saber”, também tive acesso a outras anotações, material elaborado e preparado pela própria alfabetizadora e do qual muito se orgulha, conforme foi narrado na sua segunda entrevista: *“Eu tenho tudo por escrito, mas se tenho que repetir ele está dentro de mim, porque se eu tivesse copiado de alguém já teria esquecido. Eu te contaria todas as histórias direitinho como eu fiz”*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As fontes analisadas mostraram que seria muito difícil afirmar que nossas memórias individuais não sofrem constantes influências da época em que vivemos, das ideias políticas, históricas e ideológicas que presenciamos e da coexistência com as recordações dos nossos pares. A memória, traz as verdades de quem as declara, sendo que, no caso das entrevistas, são as lembranças do narrador que são resgatadas, por vezes fazendo uma construção seletiva do passado.

Isso corrobora a afirmação de que “as lembranças de cada indivíduo estão intimamente relacionadas com o grupo do qual ele faz parte...” (Gill, 2001, p.25), bem como que as vivências do ser humano não são experiências isoladas e estão situadas na época, no momento histórico e no grupo social em que aquele indivíduo está inserido.

As fontes documentais encontradas e trazidas para o presente trabalho de pesquisa serviram para certificar e aprofundar as verdades relatadas e coletadas através das entrevistas realizadas, possibilitando o aprofundamento de algumas questões levantadas no decorrer das análises dos dados.

4. CONCLUSÕES

Sendo assim, pode-se dizer que as fontes possibilitaram que fossem realizadas leituras de práticas pedagógicas de uma época passada confrontando-as com algumas práticas atuais. Através das narrativas, pode-se concluir que, a prática pedagógica e o método utilizado pela alfabetizadora em sala de aula, marcaram a sua trajetória profissional e geraram um encantamento por parte daqueles que aprenderam através dessa prática.

Com a firme intenção de desvendar o passado e tornar públicos a rica personalidade e o trabalho de uma professora reconhecida como exímia alfabetizadora na comunidade escolar onde atuou, é que se buscou pesquisar sobre as suas memórias. É necessário reconhecer, sobretudo, que a História de Vida de uma pessoa, seu cotidiano, seus saberes e seu valor histórico para a sociedade onde atua, precisam ser conhecidos, pois representam o contexto de uma época.

Salienta-se que esta é uma visão, uma interpretação das fontes. Poderão a partir deste trabalho, emergir novas formas de interpretar as narrativas. Na visão de Certeau (2000,p.65), “[...] o gesto que liga as ‘idéias’ aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador.” Essas idéias a que se refere são exatamente as que surgirão das teorias e metodologias, sob uma única ótica: a de quem as escreve.

5. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BASTOS, Maria Helena Camara Bastos. Memórias de Professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; CUNHA, Maria Teresa Santos (orgs.). *Práticas de Memória Docente*. São Paulo: Cortez, 2002.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- GILL, Lorena Almeida. *Clienteltchiks: os judeus da prestação em Pelotas (RS) 1920-1945*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2001.
- LÜDKE, Menga; ANDRÊ Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986
- NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.